



PŪRNA

INSTITUTO DE YOGA INTEGRAL
E DESENVOLVIMENTO HUMANO

A SÍNTESE DO IOGA

SRI AUROBINDO

PARTE I - CAPÍTULO I

AS QUATRO AJUDAS (II)

Compilação: Renan Leme | Transcrição: Elisangela Ribeiro

O desenvolvimento da experiência, em sua rapidez, amplitude, intensidade e poder, dependem da aspiração e esforço do sādḥaka [praticante]. O processo do Ioga consiste em fazer a alma humana sair de seu estado de consciência egoístico, absorvido pelas aparências externas e pelas atrações das coisas e voltá-la em direção a um estado superior onde o Transcendente e o Universal podem verter-se no molde individual e transformá-lo.

Portanto, o primeiro elemento determinante da siddhi [perfeição] é a intensidade da mudança de orientação, a força que faz a alma voltar-se para dentro. O poder de aspiração do coração, a força da vontade, a concentração da mente, a perseverança e determinação da energia aplicada dão a medida dessa intensidade.

“O ardor pelo Senhor me devora”. É esse ardor pelo Senhor - o ardor da natureza inteira por seu resultado divino [utsāha] e o fervor do coração para alcançar o Divino [vyākulatā] – que devora o ego, rompe as limitações de seu molde mesquinho e estreito, e o torna apto para a recepção ampla e plena daquilo que busca; pois aquilo que ele busca é universal e transcendente, e ultrapassa a natureza e o self individuais.

Mas esse é apenas um aspecto da força que trabalha para a perfeição. O processo do Ioga Integral tem três etapas. Primeiro, é preciso um esforço para, ao menos, um início de

autotranscendência que permita o contato com o Divino; em seguida, receber em nós Aquilo que nos transcende, Aquilo com que obtivemos a comunhão, a fim de transformar a totalidade de nosso ser consciente; por fim, utilizar nossa humanidade transformada como um centro do divino no mundo.

Enquanto o contato com o Divino não for estabelecido em grau considerável, enquanto não houver certa identidade constante, o elemento de esforço pessoal deve predominar. Porém, à medida que o contato se estabelece, o sādḥaka [praticante] deve se tornar cōnscio de uma força que não é sua e que age nele, uma força que transcende seu esforço e sua capacidade, e a esse Poder ele aprende progressivamente a submeter-se e a entregar-lhe a custódia de seu Ioga. Por fim, sua força e vontade próprias tornam-se unas com o Poder superior; ele as imerge na Vontade divina e em sua Força transcendente e universal. Daí em diante, é ela que preside a transformação necessária de seu ser mental, vital e físico, com uma sabedoria imparcial e efetividade providencial de que o ego, ávido e interesseiro, não é capaz.

Quando essa fusão de si está completa, o centro divino no mundo está pronto. Purificado, liberado, plástico, iluminado, ele pode começar a tornar-se um meio de ação direta do Poder supremo em um Ioga mais vasto, o Ioga da humanidade ou da supra-humanidade, o Ioga do progresso espiritual da Terra ou de sua transformação.

Na verdade, é sempre o Poder superior que age. Nossa sensação de que é uma aspiração e um esforço pessoais vem de nossa mente egoísta. No mundo agimos com o senso do egoísmo. A iluminação nos traz o conhecimento de que o ego é apenas uma ferramenta.

Quando o ego humano reconhece que sua vontade é uma ferramenta, ele aprende a confiar-se a Isto que o transcende, essa é sua salvação.

A aparente liberdade e autoafirmação de nosso ser pessoal, ao qual somos apegados de maneira tão profunda, escondem a sujeição mais deplorável aos milhares de sugestões, impulsos e forças. Nosso ego, que se vangloria de liberdade, é, a cada momento, o escravo, o

brinquedo e a marionete de inumeráveis seres, poderes, forças, influências da Natureza universal. Ao abdicar-se e unir-se ao Divino, o ego se realiza; sua submissão àquilo que o transcende é sua liberação das cadeias e dos limites, e sua liberdade perfeita.

Porém, ainda assim, no desenvolvimento prático, cada uma das três etapas tem cada uma seu tempo e seu lugar. Não seria bom, nem seguro, nem eficaz, começar apenas pela última e mais elevada. Tampouco seria o modo justo saltar prematuramente de uma à outra, pois mesmo se reconhecermos, desde o começo, o Supremo em nossa mente e em nosso coração, haverá elementos em nossa natureza que impedirão esse reconhecimento de tornar-se uma realização. E sem realização nossa crença mental não poderá tornar-se uma realidade dinâmica; ela será apenas uma forma de conhecimento, não uma verdade viva; uma ideia, não ainda um poder.

Há um período, mais ou menos prolongado, de esforço interior e de luta em que a vontade individual deve rejeitar a obscuridade e as distorções da natureza inferior e colocar-se resoluta e veementemente do lado da Luz divina.

As energias da mente, as emoções do coração, os desejos vitais e mesmo o ser físico devem ser impelidos a tomar a atitude justa ou treinados para admitir as influências justas e responder a elas. Só então, quando esse trabalho for verdadeiramente feito, a submissão do inferior ao superior poderá efetuar-se, pois só então o sacrifício se tornará aceitável.

A vontade pessoal do sādḥaka [praticante] deve, primeiro, pegar as energias egoísticas e voltá-las em direção à luz e ao que é justo. Na medida em que progride, o sādḥaka aprende, servindo-se ainda da vontade, do esforço e das energias pessoais, a empregá-las como representantes do Poder superior em uma obediência consciente a essa Influência. Ao progredir ainda mais, sua vontade, seu esforço e energia se tornarão não mais pessoais e separados, mas atividades desse Poder e dessa Influência superiores que agirão nele.

Mas ainda haverá uma espécie de brecha ou de distância entre a Origem divina e o humano comum que emerge. No final do processo, com o desaparecimento progressivo do

egoísmo, da impureza e da ignorância, essa última separação é removida; tudo no indivíduo se torna a ação divina.